



**A MEMÓRIA DO NARRADOR NO ROMANCE: A NOITE SOBRE ALCÂNTARA, DE  
JOSUÉ MONTELLO**

Suzany Silva Batista<sup>1</sup>  
Marcello Moreira<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

Neste trabalho propomo-nos analisar os procedimentos discursivos empregados pelo narrador no romance *A Noite sobre Alcântara*, de Josué Montello. O narrador, onisciente e personagem da narração montelliana, Natalino, transita pelo espaço da cidade de Alcântara, no Maranhão, ao tempo em que articula seu passeio topográfico com dois tempos, passado e presente, ocasionalmente até mesmo com o futuro, descrevendo o espaço de hoje e de outrora – e às vezes o do porvir (pura expectativa). Desse modo, as imagens, que se sucedem à medida mesma que se caminha, duplicam-se, sem haver, no entanto, especularização, pois no momento presente Alcântara é sombra do que foi. No discurso montelliano, o passeio, sendo percurso, mas também desvio, errância, é metáfora do percurso desejado pelos moradores de outrora, mas que foram vencidos pelo caráter errático da história, que transforma glória em ruína: narração e memória fundam-se no topos *tempus omnia vincit*, núcleo ideativo do romance.

**METODOLOGIA**

Nas páginas que seguem, buscaremos analisar alguns elementos de *A Noite sobre Alcântara*, e demonstraremos como o narrador articula o enredo do romance a partir da categoria narrativa axiológica “memória”. Valer-nos-emos de escritos de Le Goff para compreender a relação entre memória e escritura; de Victor Chklovski e Donald Schüler

1 Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade na UESB. Graduada em Letras, pela UFMA. Professora de Língua Espanhola do IFMA. Brasil. Endereço eletrônico: ssuzy-bat@ifma.edu.br

2 Doutor em Literatura Brasileira - USP, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa - USP. Professor de Literatura Brasileira da UESB. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com



para analisar a linguagem e a literatura enquanto criação, especificando seus elementos literários, como, por exemplo, o narrador.

### DISCUSSÃO: A NOITE SOBRE ALCÂNTARA E A MEMÓRIA DO NARRADOR

Publicado em 1978, *A Noite sobre Alcântara* traça um panorama histórico da velha cidade maranhense, em que a ideia de decadência, respeitante, sobretudo à velha aristocracia da cidade, de outrora forte participação na vida política da província, é central. O romance tem uma narrativa não linear, em que os tempos; passado, presente e inclusive futuro se entrelaçam. O enredo foi dividido em duas partes: I) “a travessia” e II) “enquanto a noite não vem” (subdividida em cinco partes), marcada pelo início da Guerra do Paraguai em 1870. A narrativa inicia-se quando Natalino, na noite da antevéspera da virada do século XX, prepara-se para deixar Alcântara. Como não tinha a intenção de retornar, fechara o sobrado onde vivera e jogara a chave fora. Entretanto, acaba perdendo o barco que o levaria à capital, São Luís, e, enquanto o empregado procura as chaves para que possa passar a noite no sobrado, resolve dar uma última caminhada pela cidade, e, mais do que acompanhado por suas memórias, é movido por elas.

--- E não foste tu que te despediste de mim, hoje de manhã, dizendo que ias mudar para São Luís e que, de tarde, sem falta, estarias lá?

E Natalino, depois de confirmar com a cabeça:

--- Sim, fui eu. Mas o homem põe e Deus dispõe. Quando cheguei à Praia do Jacaré, para tomar o barco de Mestre Ambrásio, já ele tinha passado da Ilha do Livramento... (MONTELLO, 1979, p. 239, 240.)

Poder-se-ia dizer que a narrativa, fundada na memória, tem implicações *psicológicas*, e, por essa razão, *sociais*, já que não se pode pensar o indivíduo dissociado da sociedade; mas não se poderia pensar que a técnica narrativa montelliana, ao articular o tempo da narração, ora analepticamente, deslocando-se em direção ao passado, e tornando-se desse modo memória, ora prolepticamente, projetando-se em direção ao futuro, e tornando-se desse modo expectativa, anseio e até mesmo profecia, o faz sob a *persona*, a máscara de um narrador, justamente para enfatizar o memorial da memória e o profético da profecia, que só se realizam plenamente na humanidade do narrador? Mas a humanidade aparente do narrador não é o fruto do memoriar e do profetizar que se lhe imputa por meio da narração? Caberia então falar ainda de psicologia ou de puro artifício narrativo? Falar



de psicologia é o que faz, no entanto Davi Arrigucci Jr. ao discorrer sobre o narrador do romance montelliano, diz: “Ele próprio só ficou sabendo de tudo depois que as coisas se passaram, e sua ignorância daquele tempo, ele a repete no relato cifrado diante do ouvinte, retardando o momento do descobrimento, conforme ele mesmo veio, a saber, e tomou conhecimento de tudo” (ARRIGUCCI JR, 1998).

A memória, na narrativa romanesca, parece ser portadora de um conjunto de testemunhos que com ela são entretecidos, testemunhos todos eles de tipo autopsial, cabendo à linguagem organizar os elementos oriundos da recordação. A cidade de Alcântara, representada pela língua artisticamente articulada, passa a ser o objeto da memória, mas como só se pode narrar aquilo que se viu, o espaço da cidade que é tomado como matéria da narração se fragmenta pelo caráter fragmentário da própria memória, pois o narrador-testemunha não viu tudo e não carrega consigo um testemunho do universal; se em suas memórias se recorda da cidade, ao tempo em que se vê e a ela em seus andares, em seus devaneios, em suas buscas; se, articula o espaço, ao dar sentido a suas memórias, articuladas no tecido narrativo, é a ordem do sintagma da narração que dá ordem ao espaço, dando ordem à memória ao fiá-la. Não se pode desse modo, concordar com Le Goff quando diz que: “O passado não é só passado, é também, no seu funcionamento textual, anterior a toda a exegese, portador de valores religiosos, morais, civis etc.” (LE GOFF, 2014, p.198), pois o passado é articulado pela memória, que, por seu turno, é articulada pela narração. Nas palavras de Pêcheux: “Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente invadida por elementos provenientes de outros lugares que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 2010, p. 310).

Em *A Noite sobre Alcântara*, Natalino, no discurso narrativo, ao evocar o passado pela ação da memória, representa o mundo ao seu redor transfigurando o agora do que vê pela sobreposição a ele do outrora que viu:

Alcântara com a sequência de suas casas vazias, como que o oprimia e esmagava. Por toda a parte, nas ruas retilíneas, o mesmo silêncio, sem um piano a tocar, sem correrias de meninos, sem uma voz de mulher cantando ao embalo de rede. Em vez de pleque-pleque das sandálias das negras nas calçadas, o uivo do vento, logo esfuziante, misturando-se ao ruído das ramagens que a rajada fresca sacudia (MONTELLO, 1979, p. 14).

O lugar de onde fala o narrador montelliano é a cidade, mas ao articular o espaço ao tempo, aquele deixa de ter unidade, pois sua configuração muda porque o tempo tudo muda; ao tudo mudar, o narrador montelliano implicitamente crê que o tempo é



condição de haver história, sendo esta mudança, mais, ruína e morte; a história só pode ser compreendida pela narração romanesca, que dá sentido ao devir ao articular o tempo da cidade pela ação do memoriar; a narração romanesca é entendimento do que foi, mas já não é, e que só pode ainda perdurar de forma caduca na memória dos que viram algo, dos que são testemunhas, mas que estão fadados também a desaparecer na voragem do mesmo tempo. Paradoxalmente, as memórias de Natalino deixarão de ser, quando ele não mais for; mas elas não serão sempre porque tomadas como objeto de escritura pelo escritor? O ser histórico implica morte e a narrativa histórica e memorialística montelliana é a história de uma cidade que já agoniza; na outrora pujante Alcântara, pode-se até mesmo pensar de forma verossímil na visita do Imperador à cidade: “Foi em janeiro de 1860 que o capitão João Saraiva chegou à Câmara Municipal com grande novidade de que o Imperador vinha visitar Alcântara. E ante o espanto dos outros vereadores, [...] exibiu-lhes, a última Fala do Trono, transcrita no Publicador Maranhense” (MONTELLO, 1979), mas a deriva rumo à morte é até mesmo mais forte do que a “Fala do Trono”. Pode-se também ler essa “Fala” como fruto de uma interpretação que dela fazem os moradores da cidade, já que um diálogo entre o Alferes Aristeu e o Capitão parece indicar que no itinerário imperial não constava Alcântara, mas sim “províncias do norte”:

O Alferes Aristeu Lobato objetou, dirigindo-se ao Capitão:

— Aí não consta que sua majestade virá a Alcântara.

— Como não consta, se está declarado, com todas as letras, que o Imperador, mais tarde, visitará as outras províncias? Entre as províncias figura o Maranhão [...] (MONTELLO, 1979, p. 100).

Em *A Noite sobre Alcântara*, o narrador, mesmo quando recupera um testemunho jornalístico que não tem fruto em sua prática autopsial, para dele se valer, só o faz para praticar um procedimento narrativo que tem como efeito produzir a perda da esperança na possibilidade de redenção no e pelo presente. A cidade de Alcântara, produzida pela “saudade”, é a resultante de elaborados procedimentos narrativos, em que a técnica não se deixa normalmente ver; se já se disse que sua imagem é quase mítica, a de seu passado, e que se não pode reduzi-la à razão, como o diz Schüler: “o autor não precisa justificar racionalmente a obra literária é uma visão mítica e o mito não se reduz à razão, ao *logos*” (SCHÜLER, 2016), é totalmente “lógica” sua estrutura narrativa, evidenciando-se ainda mais em sua aparente errância espacial e temporal: “Vejo de perto, mais uma vez, a resignada cidade imperial, depois de tê-la olhado de longe com os olhos de menino, e sinto-lhe, emocionado, a vagarosa agonia [...]. Morre devagar, dia por dia, hora por



hora, silenciosa e esquecida” (MONTELLO, 1978). O texto literário ficcionaliza o mundo imaginário de personagens, dando-lhe ordem ao tempo em que lhe ordena o processo de rememoração, que é a narração. Rememoração e imaginação fundem-se em um único processo do narrar.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste texto foi analisar, brevemente, como o espaço da cidade de Alcântara é articulado pela ação de narrar, em que está implicada a descrição, e como o espaço por seu turno é articulado com os tempos: passado, presente e futuro. Tentou-se demonstrar como o narrador montelliano entende a história como a destinação de tudo o que é ao não ser e como o futuro é ruína do que foi outrora e do que hoje ainda é. Logo, constatamos que produzir significados por meio de narrativas ficcionais implica refletir sobre o funcionamento dos discursos e sobre questões outras, tais como: linguagem, sujeito e eu-lírico. Em *A Noite sobre Alcântara*, o narrador reconstrói a obra pela memória, transformando-a em imagens, arte, enfim em literatura.

**Palavras-chave:** Literatura. Memória. Narrador. Discurso.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, Davi. Teoria narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, Vol.31, nº57, p. 09-44 – set, 1998.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MONTELLO, Josué. **A Noite Sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.



ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas. SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010.

SCHÜLER, Donaldo. **Literatura e verdade**. Revista Organon, nº61, vol-31, p. 63 – 84. jul/dez-2016.